

Juscelino Kubitschek: o mito na minissérie *JK*

Camilla Rodrigues Milder
Caroline Casali

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo investigar a construção da imagem do ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira na minissérie global *JK*. A hipótese inicial consistia na idéia de que a emissora construiu Juscelino Kubitschek como mito na minissérie e, para investigá-la, optou-se pela análise sob a ótica das figuras de expressão do mito propostas por Roland Barthes. Também foram estudadas biografias e revistas veiculadas na época do mandato de Juscelino, tais como *O Cruzeiro* e *Manchete*, para traçar uma comparação entre os fatos históricos que marcaram a trajetória de JK e a forma como o discurso midiático trabalhou estes fatos. Os resultados demonstram que a minissérie global legitimou um mito que vinha sendo midiaticamente construído desde seu mandato presidencial.

PALAVRAS-CHAVE: Juscelino Kubitschek. Mito midiático. Televisão. Minissérie.

1 Considerações iniciais

A televisão ainda é a grande soberana entre as mídias. Em um país onde o índice de analfabetismo é alto e o acesso à leitura segue precário, a televisão é um dos principais meios de informação e também de entretenimento social. Para Elizabeth Duarte (2004, p. 11), “a televisão vem significando para o homem comum contemporâneo a incrível e, muitas vezes, única possibilidade de participação de um tempo histórico.”

Contudo, não é apenas o poder de sedução da linguagem audiovisual que, mesmo sob baixos níveis de audiência atinge milhões de pessoas, intriga pesquisadores e produtores midiáticos, mas também a capacidade que a televisão tem de construir representações. Filmes, novelas, seriados, minisséries, anúncios televisivos, entre outros, veiculam imagens que contribuem na construção de representações de ambiências e comportamentos pelo público. Para Bucci (2006), por exemplo, diante de territórios extensos, como o Brasil, a televisão torna-se um elo que oferece ao público a forma como deve conceber o seu país. “Tire a televisão de dentro do Brasil e o Brasil desaparece. A televisão é hoje o veículo que identifica o Brasil para o Brasil” (BUCCI, 2006 *apud* CRESQUI, 2009, p. 1).

Da mesma forma que constrói uma imagem do Brasil para os próprios brasileiros, a televisão contribui ainda na construção de mitos midiáticos, tais como estrelas de cinema, craques de futebol e personalidades políticas. Juscelino Kubitschek, ex-presidente do Brasil, é uma dessas personalidades que pelo tratamento midiático concedido a ele tornou-se mito.

As reportagens especiais exibidas em 2010 por comemoração dos 50 anos da cidade de Brasília lembraram a história que legitimou Juscelino como mito. O país que ficara órfão com o suicídio de Vargas, em 1954, encontrou em Juscelino Kubitschek, eleito presidente em 1956, um porto seguro. Os brasileiros inspirados por um presidente de alegria contagiante e inovador, viam o país se industrializar, ao som da Bossa Nova, da literatura de Graciliano Ramos, Clarice Lispector e da conquista do primeiro título mundial de futebol.

Filmes como *JK – Bela Noite para Voar*¹ e *Os Anos JK – Uma Trajetória Política*² legitimaram recentemente Juscelino como mito nacional, mesmo que, ainda na década de 50 e 60, jornais e revistas já tratassem JK como mito para um grupo mais seletivo, não tão abrangente quanto o faz a televisão. Contudo, quando se fala de mídia de massa, é a televisão que alcança a maior parcela da população brasileira. A teledramaturgia é o produto televisivo mais popular, em especial as telenovelas e minisséries, sendo esta última apontada como “[...] lugar de conhecimento sobre a História do Brasil.” (FEITOSA, 2009, p. 76).

¹ Filme brasileiro, 2009, de Zelito Viana, sobre um dia na vida de JK.

² Documentário brasileiro de Silvio Tandler, em 1980, sobre a trajetória política de JK.

A Rede Globo de Televisão trabalha determinadas minisséries por ocasião de datas comemorativas relacionadas ao tema da ficção. *JK*, exibida entre janeiro e março de 2006, é um desses exemplos: o ano comemorativo do cinquentenário do início do governo de Juscelino Kubitschek estimulou a produção da minissérie. Baseada na biografia do ex-presidente, a minissérie procura aliar aos fatos históricos um enredo e personagens fictícios. A produção apresenta o 21º Presidente da República Federativa do Brasil, Juscelino Kubitschek de Oliveira, nascido na pequena cidade de Diamantina, no estado de Minas Gerais em 12 de setembro de 1902. Menino de boa família e índole, mas pobre. O casamento dos pais, João César e Júlia, era uma atração de contrários: o pai, rei das festas, enquanto a mãe tão-somente freqüentava a igreja e raramente a casa de parentes.

Dona Júlia, viúva aos 28 anos devido à tuberculose, professora primária, ficara responsável pela criação e educação dos dois filhos, Maria Conceição e Juscelino. As crianças herdaram da mãe a busca pelo conhecimento e senso de responsabilidade e do pai o gosto pela dança e serestas. “Juscelino não escolheu se tornar Kubitschek em vez de Oliveira. Dona Júlia moldou-o Kubitschek” (BOJUNGA, 2001, p. 42). Anos mais tarde, já morando em Belo Horizonte e exercendo a profissão de médico, casa-se com Sarah Lemos, pertencente a uma família tradicional mineira e ligada à política.

Juscelino inicia sua carreira política como Chefe da Casa Civil em Minas Gerais, a pedido do amigo Benedito Valadares, que conhecera no front durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Torna-se também deputado federal, prefeito de Belo Horizonte, Governador do Estado mineiro, Presidente da República e Senador. Foi o responsável pela construção da capital brasileira – Brasília, no interior do país. Faleceu em 1976, aos 73 anos, num acidente de carro.

Cabe lembrar que, além do cinquentenário do mandato de JK, o ano de 2006 marcava ano de eleição presidencial no Brasil, cujos principais candidatos eram Geraldo Alckmin, do Partido da Social Democrata Brasileiro (PSDB), e o então Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT). Na ocasião, ambos procuravam, em seus discursos, comparar-se a Juscelino Kubitschek, legitimando seu carisma e sua competência. “Desse modo, o cinquentenário do mandato de JK, a eleição presidencial e a exibição da minissérie na Rede Globo de Televisão resultou numa série de eventos e referências que trouxeram à tona os anos 50 e o governo de Juscelino como um exemplo a ser seguido.” (FEITOSA, 2009, p. 80).

Em 2006, o cenário político nacional vislumbrava escândalos e denúncias sobre o Mensalão³, e o atual presidente Lula,

■
³ Escândalo sobre esquema de compra de votos de parlamentares ocorrido em 2005, durante o governo Lula, que causou o indiciamento de quarenta políticos no Supremo Tribunal Federal. Neologismo vem de “mensalidade” usada para se referir a suposta “mesada” paga para se votar a favor de projetos.

enquanto candidato, usava do exemplo de Juscelino, que dizia não ter conhecimento de fraudes, desvios de dinheiro e perda do controle da inflação em seu mandato. Nesse sentido, falava-se de uma suposta tentativa da Rede Globo em resgatar a crença na política nacional. A minissérie, assim, mais que entretenimento e ficção, teve a função de trazer a história da política nacional à tona em um momento de reflexão e ação sobre a política no Brasil. Por isso, o presente artigo busca entender a construção da imagem de Juscelino Kubitschek na minissérie global, buscando indícios de sua construção e/ou legitimação como mito.

Para tanto, foram analisados os DVD's da minissérie, com vistas a investigar a presença das figuras de construção do mito previstas por Roland Barthes na narrativa global. Cabe destacar que, apesar de apresentar todos os 47 capítulos da minissérie, os cinco DVD's comercializados traziam os episódios em versão compactada. Também não trouxeram a minissérie dividida em capítulos, mas apresentaram a narrativa de forma seqüencial. Por isso, ao citar os trechos da minissérie no decorrer das análises, optou-se referenciar o disco em que se encontra a parte citada.

2 A Minissérie como subgênero e seus formatos na Rede Globo

A preocupação em criar limites entre a ficção e o real é desfeita por Eco (1994 *apud* DUARTE 2004, p. 114), quando este afirma que “[...] os mundos ficcionais são parasitas do mundo real.”. Nesse sentido, visando entender a função e o regime de crença com que trabalham as minisséries, busca-se uma categorização da programação televisiva no que concerne ao gênero, subgênero e formato.

Ao analisar programas televisivos, Duarte (2004) parte da pressuposição de que as tipologias clássicas de gênero, dadas através da literatura, não são aplicáveis *stricto sensu* à produção televisiva e, por isso, desenvolve uma categorização própria. Por definição de gênero televisivo, a autora entende uma macroarticulação de categorias semânticas capazes de abrigar um conjunto amplo de produtos televisivos que partilham poucas categorias em comum. Duarte define a caracterização de gênero como um feixe de traços de conteúdos que só “[...] se atualiza e realiza quando sobre ele se projeta uma forma de conteúdo e de expressão – representada pela articulação entre subgêneros e formatos, esses, sim, procedimentos de construção discursiva que obedecem a uma série de regras de seleção e combinação.” (DUARTE, 2004, p. 68).

Enquanto para subgêneros subsume uma pluralidade de programas, o formato, “[...] em contrapartida, os diferencia, na medida em que define preliminarmente as suas especificidades

enquanto produto serializado: cenários, atores, funções e papéis.” (DUARTE, 2004, p. 68).

Nessa caracterização dos programas televisivos, Duarte ainda atenta para a construção/representação midiática do real e de princípios geradores de realidade. Para a autora, o telespectador tem o papel de reconhecer o tipo de realidade que lhe está sendo ofertada, assim como o regime de crença que ela propõe. Estes regimes consistem nos gêneros televisivos, que são: a **metarealidade**, a **supra-realidade** e a **para-realidade**.

Assim, a **meta-realidade** seria um tipo de realidade discursiva que tem como referência direta o mundo exterior e natural. Esse nível baseia-se na veridicção e atualiza-se em subgêneros como o telejornal, a entrevista, o *talk show*, entre outros, que por sua vez, realizam-se em formatos como *Jornal Nacional*, *Programa do Jô*, etc. Nessa realidade, o compromisso com a verdade, com os acontecimentos noticiados e com os atores sociais é o mais importante, pois o regime de crença proposto é o da verdade. A **supra-realidade** consiste naquele tipo de realidade que não tem compromisso direto com o mundo exterior, mas sim com uma coerência interna ao discurso que produz. Este nível está baseado no regime de crença da verossimilhança; atualiza-se em subgêneros como a telenovela, a minissérie, o seriado, etc., que, por sua vez, realizam-se em formatos como *Viver a Vida*, *A Grande Família*, entre outros. Na verossimilhança, a construção da realidade não tem compromisso com o mundo natural. Já a **para-realidade** é um novo tipo de realidade que não tem como experiência o mundo exterior, mas um mundo paralelo cujos acontecimentos são artificialmente construídos no interior do próprio discurso. Este nível tem como regime de crença a plena e multivisibilização, atualiza-se em subgêneros como *reality shows* e alguns *talk shows*, e realiza-se em formatos como *Big Brother Brasil*. O que é proposto na **para-realidade** nada mais é que a criação de um real artificial, configurado como um jogo.

Minisséries como *JK* trabalham, ao mesmo tempo, com o regime de crença da veridicção, ao citar atores sociais que fizeram parte da história nacional, bem como com a verossimilhança, pois os fatos narrados não têm compromisso direto com a reprodução da realidade. Desta forma, cabe atentar para o fato de que, por mais que caracterize uma obra de ficção, a minissérie aqui analisada joga com a representação do público sobre sua própria história, ao trabalhar com datas precisas, referências políticas e atores que fizeram parte da sociedade brasileira na época narrada.

Maria Adelaide Amaral, escritora da minissérie aqui em análise, *JK*, afirma que neste jogo entre ficção e realidade, “[...] o texto é romanceado para dar molho, mas tudo parte da realidade, em cima do que realmente está documentado, imaginamos

cenas possíveis.” (AMARAL, 2005, p. 89). A afirmação de Maria Adelaide Amaral mostra que, por mais que a ficção não pretenda fidelidade aos fatos reais, ela se permite trabalhar com a veracidade, reforçando os mitos sociais.

Para Rondini (2007), há três fatores que caracterizam o subgênero minissérie:

- a) o número de capítulos: mais de um e menos capítulos que uma novela;
- b) fechado quanto à escrita e construção cuidadosa da produção;
- c) trabalha temáticas ligadas à realidade nacional, construídas de textos originais ou adaptados e tem horário e período de exibição diferenciados das telenovelas.

Em geral, uma novela possui mais de 200 capítulos e é produzida concomitantemente com os meses de exibição, permitindo mudanças e alterações. A minissérie só vai ao ar quando inteiramente finalizada. Por isso, Balogh (2005, p. 193-194) afirma que “a minissérie constitui o formato mais fechado de todos os demais formatos de ficção que a tradição televisiva consagrou: séries, unitários e telenovelas.”.

3 Revisando Barthes: as figuras de construção do mito

Para entender o processo de construção da figura de JK, é necessário recorrer a Barthes. O conceito de mito proposto pelo semiólogo ajuda a revelar um dos processos mais empregados pela mídia: a mitificação. O mecanismo de produção do mito constitui-se na transformação de signos em plano de expressão de um novo sistema semiótico.

O mito é um sistema particular, visto que ele se constrói a partir de uma cadeia semiológica que já existe antes dele: é um sistema semiológico segundo. O que é um signo no primeiro sistema transforma-se num simples significante no segundo. Desde o momento em que são captadas pelo mito, reduzem-se a uma pura função significante (BARTHES, 2007, p. 205).

O mito não é, então, determinado pela tematização de valores, mas por um modo particular de apropriação e tratamento desses valores. Para Barthes (2007, p. 200), “[...] não existe uma manifestação simultânea de todos os mitos [...]”, pois a História controla a vida e a morte do mito. O objetivo do mito é transformar a história em natureza, aquilo que é cultural em natural.

Segundo o autor, tudo pode constituir um mito, desde que possa ser julgado por um discurso. Em *Mitologias*, Barthes (2007, p. 1999) questiona o que é o mito: “Muito simples, o mito é uma fala.”. Sendo uma fala, não é definido pelo seu objeto, mas pela maneira como é proferido, pois é o discurso que faz do

objeto um mito. Esse discurso pode ser oral, ou não, formado por escritas ou representações, pode ser a fotografia e exposições, os anúncios publicitários, até mesmo um artigo, assim como o esporte e o cinema.

O semiólogo francês aponta figuras que se encaixam nas mais variadas formas do significante mítico. Essas figuras são empregadas na construção dos mitos midiáticos, na naturalização do que é cultural. São elas:

- a) **vacina**: confessar o mal accidental para melhor camuflar o mal indispensável;
- b) **a omissão da história**: tratamento de um objeto, despojando-o de toda a História;
- c) **identificação**: incapacidade de imaginar o outro, a não ser transformando-o em si mesmo;
- d) **tautologia**: procedimento verbal que consiste em definir o mesmo pelo mesmo;
- e) **ninismo**: colocação de dois contrários, equilibrando-os, de modo a rejeitar os dois (nem isso e nem aquilo);
- f) **quantificação da qualidade**: redução de toda a qualidade a uma quantidade;
- g) **constatação**: tendência ao provérbio, como forma de recusa à explicação.

A análise a seguir dar-se-á a partir da verificação destas figuras de construção do mito no discurso sobre JK na minissérie global.

4 O Mito JK na minissérie global

As análises demonstram que todas as figuras de Barthes podem ser encontradas na minissérie *JK*, confirmando a hipótese de que o mito do político, se não construído, ao menos foi legitimado pela televisão no programa analisado. A seguir, evidenciam-se as figuras de expressão do mito tal como apareceram na minissérie. Inúmeros trechos da narrativa exemplificam as figuras, contudo, em decorrência do restrito espaço de apresentação desta pesquisa, optou-se pela citação dos trechos mais significativos na comprovação do tratamento midiático de Juscelino como mito.

4.1 A Omissão da história

A figura da **Omissão da História** destaca-se na minissérie, principalmente, na construção da relação entre JK e a capital nacional, Brasília. O disco quatro traz a inauguração da até então nova sede construída no sertão goiano. Em seu discurso, Israel Pinheiro, diretor da construtora responsável pela edificação da cidade, vivido pelo ator Paulo Goulart diz: “(...) *hoje entrego a chave da cidade, ao senhor (Juscelino) que a sonhou, idealizou e fez construir.*” A frase despoja-se de toda a construção e planejamento

de Brasília feita através do Plano Piloto, da política, da vida dos candangos e atribui-se apenas a Juscelino a sua construção. Da mesma forma, o ator José Wilker, que vive o personagem de Juscelino Kubitschek narra: “*Nos últimos três anos eu vivera, sonhara, comera e dormira em função de uma data: 21 de abril de 1960*” (disco quatro). Em outro trecho ainda, Juscelino diz: “*Vamos visitar a minha filha caçula: Brasília*” (disco cinco). Tais citações do ex-presidente reforçam também a omissão de todos os demais personagens envolvidos na grande meta-síntese do governo que foi a construção da capital.

Lucio Costa foi o vencedor do concurso realizado para a construção de Brasília com o Plano Piloto, juntamente com Oscar Niemeyer, responsável pela arquitetura dos edifícios públicos. O projeto de Lucio era simples: dois eixos cruzando-se em ângulo reto: o eixo monumental e o eixo ferroviário. Para alguns, o desenho mostrava o sinal-da-cruz, para outros um avião e até mesmo um pássaro com suas asas abertas.

A construção fora designada a Israel Pinheiro, presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil – Novacap. Para Ronaldo Couto, autor de *Brasília Kubitschek de Oliveira* – livro cujo título também se encaixa na Omissão da História por atribuir o sobrenome de Juscelino a uma cidade construída por milhares de pessoas – Israel Pinheiro foi o grande esteio da construção da capital. Segundo o biógrafo, Pinheiro “[...] mandava e desmandava, prometia e cumpria, virava e desvirava a mesa. Resolvia as coisas. Sua contribuição está subestimada. O reconhecimento ainda não corresponde aos serviços prestados.” (COUTO, 2006, p. 99).

Para cumprir o Plano Piloto, surgem ainda os candangos⁴, funcionários da Novacap que se mudavam para o canteiro de obras e ali se estabeleciam. Eram homens, mulheres e até mesmo crianças que saíam do Nordeste, Norte e também do Sul do país para trabalhar. A revista *O Cruzeiro*, na época, noticiou que “[...] das pessoas que estavam em Brasília quando ela se tornou a Capital do Brasil, 60 mil eram candangos.” (O CRUZEIRO, 1960, p. 60).

A história oficial mostra que Brasília surge, portanto, do trabalho integrado de milhares de pessoas, desde políticos e arquitetos até trabalhadores braçais e crianças. Para Otto Lara Resende (*apud* OLIVEIRA, 2009, p. 1), “Brasília foi produto de uma conjugação de quatro loucuras: a de Juscelino, a de Israel Pinheiro, a de Oscar Niemeyer e a de Lúcio Costa”. A omissão de toda esta história de força e trabalho, no discurso da mídia, reduz a construção de Brasília à vontade de JK, restringindo a luta de milhares de pessoas à vontade de apenas um personagem

⁴ Termo utilizado para designar os brasilienses, foi originalmente usado para se referir aos trabalhadores que trabalhavam nas obras da capital. Em africano, significa “ordinário”, “ruim”.

político, o que contribui de forma intensa para a construção do político enquanto mito.

4.2 Identificação

O uso desta figura pretende a naturalização do político JK como humano – assim como seus eleitores –, contudo um humano especial. Busca-se, na minissérie, identificar Juscelino não como alguém sobrenatural, mas como alguém que mesmo em seus limites, agiu em prol do Brasil. A personalidade de Juscelino, em suas habilidades conciliatórias, foi decisiva em sua vida política e na condução de seu governo, o que o tornou conhecido e respeitado por muitos.

Sim, Juscelino era uma pilha de simpatia. Mas sobretudo um político e raro homem de ação. Grande sonhador, mas também prático e pragmático. Determinado e carismático, sabia governar com a liberdade, liderar, construir, perdoar. Dono de humaníssima vaidade, mas cultor da humildade e da simplicidade. Avesso à soberba. Um dinamo de entusiasmo, de capacidade de comunicação com o povo, de otimismo, poder de persuasão, senso de autoridade. (COUTO, 2006, p. 241).

Contudo Juscelino, se apresentado apenas em suas qualidades, beiraria o heroísmo, e tornar-se-ia alguém inalcançável frente a seu público. Por isso, a Identificação, enquanto figura de construção do mito, busca justamente transformar JK em um ser palpável. Juscelino foi apresentado na minissérie como um humano que também chora, ri, emociona-se, demonstra sentimentos e afetos. O sorriso largo, estampado em seu rosto em fotos de revistas da época ou mesmo em várias cenas da minissérie, é outro fator de Identificação muito forte.

Sobre os hábitos, maneiras e comportamentos marcantes de Juscelino Kubitschek, Couto (2006) destaca também a gargalhada fácil e freqüente do ex-presidente. Carlos Lacerda, que sempre o combatera, reconheceu que era fácil criticar Juscelino, “[...] o impossível, era não gostar dele [...] retribuía aos cumprimentos com o entusiasmo de quem estivesse acabando de inaugurar Brasília.” (MANCHETE, 1986, p. 24). Em discurso sobre sua indicação como candidato do Partido Social Democrático à Presidência, o próprio JK se definiu como “[...] um homem como os outros [...] mas este homem comum, este homem simples que fizeste hoje vosso candidato tem algumas idéias.” (MANCHETE, 1955, p. 12).

Um mito jamais será tratado como super-herói, mas sempre caracterizado como um ser humano que é próximo a outro. É o que acontece no discurso criado em torno de Juscelino, mesmo sendo Chefe de Estado, com autonomia para decidir a vida de milhões de pessoas, ainda era um pai amável, religioso e temente

a Deus, de gosto por dança e festas, peculiaridades que podem pertencer a grande maioria da população.

4.3 Tautologia

Dentre as figuras propostas por Barthes, a **Tautologia** tem a função de definir o mesmo pelo mesmo. No decorrer da minissérie, a Tautologia torna-se visível na crise que o casal Kubitschek enfrenta com o descobrimento, por parte de Sarah, de uma amante. Em conversa com suas filhas, Márcia e Maria Estela, a ex-primeira dama afirma que irá divorciar-se do marido se este não romper com a amante. Márcia, a filha biológica de JK e Sarah, afirma: “*Você sempre será a mulher mais importante da vida dele. Você não nos ensinou que casamento não é só amor, mas também solidariedade, lealdade e companheirismo?*”. Em contrapartida, Maria Estela questiona: “*E o que você vai fazer sozinha, mamãe?*”. A questão presente aqui é a necessidade de manter o casamento explicada pelo próprio fato de Sarah já estar casada, ou seja, não há justificativa para a manutenção do matrimônio além de sua própria existência.

A **Tautologia** é expressa pelo tratamento do casamento como provedor de amparo e companheirismo. A presença do homem é um porto seguro e, por mais que esteja sendo traída, a mulher, sem o marido, passaria a sofrer muito mais. Marisa, personagem que aparece na minissérie como amante de Juscelino, é fictícia, apesar de existir uma amante na história de JK. Maria Adelaide Amaral, nos extras disponíveis no disco cinco, fala sobre Maria Lúcia Pedroso, que partilhou 18 anos de história amorosa com Juscelino e de outras duas amantes: “*Resolvemos então fazer uma mistura das três numa única pessoa, fictícia, mas ao mesmo tempo muito verdadeira, já que ela é a síntese das três mulheres que ele mais amou na vida, além da dona Sarah*”, justifica a autora da minissérie.

Juscelino Kubitschek conheceu Maria Lúcia Pedroso em 1958, em uma festa no Palácio das Laranjeiras. Maria – carioca, baixa estatura, loira, fala mansa e gestos suaves – era trinta anos mais jovem que o Presidente e casada com o médico e antigo deputado José Pedroso. Sarah passou a maior parte de seu casamento sem saber dos casos do marido e grande parte de sua vida dormindo em quartos separados, devido às diversas obrigações e compromissos políticos que Juscelino acumulava. Na minissérie, a postura questionadora de Sarah em relação à manutenção do casamento é abrandada, de forma que a necessidade do casamento é explicada por si só, caracterizando a Tautologia. Assim, JK continuou representando uma figura honesta e carismática frente ao público, mesmo quando traiu sua esposa.

4.4 Ninismo

Outra figura recorrente na expressão do mito é o **Ninismo**, identificada principalmente nas lembranças da infância de Juscelino e de seu apelido, Nonô. A exemplificação desta figura é visível na primeira cena do disco cinco, onde Dona Júlia conversa com sua nora, na esplanada do Palácio na noite da inauguração de Brasília: “*Estava aqui admirando Brasília, as luzes, os prédios. Só Nonô mesmo para fazer tudo isso.*” Apelidos não definem o indivíduo JK por si só. Juscelino não é tratado nem como político, nem como cidadão, simplesmente como “Nonô”. Mesmo que o apelido leve à identificação humana, não explica e nem define a função política de JK, seu papel no cenário nacional.

Na conversa entre o poeta Augusto Frederico Schmidt, interpretado pelo ator Antônio Calloni, com o empresário e udenista Sampaio, interpretado por Hugo Carvana, por ocasião da campanha de Juscelino ainda para o governo de Minas (disco dois), Schmidt afirma espantado: “*Um governador que tem programa de governo, é praticamente um milagre, você já viu isso! Esse Juscelino promete!*” O Ninismo se reflete ainda aqui, visto que afirmar que existe um programa com metas a serem cumpridas num governo não explica e nem justifica a qualidade ou a execução do que está sendo proposto.

4.5 Quantificação da qualidade

O conhecido slogan de campanha de JK, “50 anos em 5”, encaixa-se claramente na figura de **Quantificação da Qualidade**, na qual se reduz toda a qualidade a uma quantidade. Na minissérie, o poeta Schmidt trabalha no discurso de Juscelino para Presidente da República, quando exalta: “*Encontrei o slogan da campanha de Juscelino: 50 anos em 5!*” (disco dois).

Vargas cometera suicídio e pouco tempo depois Juscelino assumia a Presidência da República através de eleições, prometendo desenvolver o país, livrando-o do atraso econômico. O programa de Governo de JK e de seu vice, João Goulart, recebeu o nome de Plano de Metas, um ousado plano para o desenvolvimento nacional de energia, transporte, alimentação, indústria de base, educação e para a construção de Brasília, sua meta-síntese, representando o que poderia haver de mais moderno. Prometiam em apenas cinco anos de mandato o crescimento esperado de um país em cinquenta anos.

O otimismo e a força de vontade do presidente contagiaram vários setores, principalmente quando Juscelino multiplicou as rodovias em 18 mil quilômetros, a chamada “febre do asfalto”. Rodovias ligavam-se a Belém, Acre, Fortaleza, Cuiabá e todas partiam de Brasília. Como analisa Cohen (2005, p. 109), as

novas estradas acabaram “[...] rompendo o isolamento histórico do Centro-Oeste e do Norte.” Acompanhando tantos quilômetros de asfaltos construídos, o setor automobilístico também se desenvolvia no Brasil. No início dos anos 60, já havia mais de 133 mil cidadãos com fuscas, Simcas, Gordinis, DKW’s e FNMs.

Da mesma forma que o padrão de vida do brasileiro aumentava, “o endividamento externo, a dependência do capital estrangeiro, déficit da balança comercial e espiral inflacionária são termos que passaram a freqüentar as páginas de jornais” (COHEN, 2005, p. 112). A meta de Juscelino era desenvolver o país durante seu mandato, mas para isso, era necessária uma união de forças, e “[...] o projeto não poderia se concretizar sem a associação entre o Estado, os capitais privados e o capital estrangeiro.” (ARAGÃO, 2006, p. 21-22).

Como se vê, então, os esforços de desenvolvimento nacional, não foram atos heróicos de um presidente que governava sozinho, mas idéias postas em prática por todo um Governo e por pessoas que trabalhavam para ele. O tratamento conferido a JK pela mídia ilustra a maneira como um mito foi construído, minimizando a força do próprio Brasil frente à figura de Juscelino. Além disso, a minissérie, enquanto produto midiático, explicita o Plano de Metas destacando o slogan “50 anos em 5”, de forma a minimizar os efeitos negativos do desenvolvimento proposto por Juscelino e exaltar apenas a quantidade de feitos do ex-presidente, o que caracteriza a Quantificação da Qualidade enquanto figura de legitimação de um mito.

4.6 Constatação

Na figura da **Constatação** recorre-se principalmente a ditados, forças de expressão e frases de impacto, como uma recusa à explicação e tendências a universalismo. No primeiro disco, Dona Júlia conversa com o filho sobre a falta de recursos financeiros para melhores estudos, deixando claro que “*ser pobre não é vergonha nenhuma, vergonha é ser ignorante*.” Assim como esta frase de D. Julia, vários são os trechos da minissérie em que enunciados de senso comum ou ditados buscam explicar, sem justificativa, etapas da vida de Juscelino.

Muitas também são as recorrências a frases e confortos religiosos e espirituais, principalmente da família de Juscelino Kubitschek. Sarah demonstra sua confiança num ser superior após o marido vencer as eleições presidenciais: “[...] *mas se Deus permitiu chegarmos até aqui, é porque daremos conta do que vier pela frente*” (disco três).

A própria figura de Juscelino com o seu Plano de Metas e a construção de Brasília alça comparações e adjetivações históricas.

Schmidt tentando fazer com que Roberto Marinho apoiasse JK atribuía-lhe marcas da mitologia: “*Juscelino é Dédalo, Prometeu, Ícaro.*” (disco quatro). Estes enunciados, por si só, caracterizam a busca pela mitificação de Juscelino como político e como homem de ação, pois se trata de constatações não justificadas, apenas proferidas. Os trechos identificados com a figura da Constatação pretendem-se como falas reflexivas, mas essa reflexão é preterida em nome do efeito expressivo do enunciado por ele mesmo.

4.7 Vacina

A **Vacina** tem como princípio confessar o mal acidental para camuflar um mal essencial. Na minissérie, está muito ligada ao caso extraconjugal de Juscelino com a personagem Marisa. Um pequeno defeito é apresentado – a amante –, mas também se apresentam fases bonitas desse romance, como a paixão por Marisa e o cuidado com Sarah, de forma a minimizar seu papel de traidor. Toma-se como exemplificação para a figura a conversa de Juscelino com Carlos Murilo, personagem vivido pelo ator Emílio de Mello, onde JK afirma “[...] *não queria magoar a Sarah. Eu queria que ela entendesse que Marisa não a ameaça e nunca ameaçou.*” (disco cinco). Marisa, ao declarar o seu amor a Juscelino, também parece reconhecer a bondade de Sarah para mascarar a traição: “*Eu amo o senhor [...] é um amor que exige sacrifícios, porque o senhor pertence a sua admirável Sarah, senhor Presidente.*” (disco três).

Sarah após encontrar as cartas de amor trocadas entre o marido e Marisa, confronta JK e exige o rompimento do romance, sentindo-se ridícula. Juscelino, então, busca confessar as qualidades da esposa escondendo os motivos da traição: “*Na verdade, Sarah, você é digna demais para ser ridícula*”, e continua “*Eu jamais esquecerei o que você fez por mim*”. Os elogios funcionam assim como uma vacina ao mal essencial: a desonestidade, a traição.

Sarah Lemos Kubitschek foi uma das primeiras-damas mais ativas do país, engajada em obras sociais e no apoio incontestável ao marido, Juscelino Kubitschek. Casou-se com Juscelino no dia 30 de dezembro de 1931, sempre desejara ter muitos filhos, mas apenas Márcia nasceu, onze anos após o casamento. O casal também adotou Maria Estela. Juscelino sempre foi retratado como um homem de família, amoroso e atencioso. Ainda na década de 1950, a revista *O Cruzeiro* já trabalhava estas características do ex-presidente, enunciando “Adorava a D. Sara e as meninas. É pai amigo e camarada. Tem verdadeira admiração pela espôsa. Sempre se refere a D. Sara nas conversas. Aponta a espôsa como exemplo de trabalho e dedicação.” (O CRUZEIRO, 1956, p. 9).

A descoberta do caso com Maria Lúcia Pedroso desestabilizou ainda mais o ex-presidente, que já estava fragilizado com seus direitos políticos cassados, com a perseguição por parte dos militares, com longos inquéritos, prisões e com a saúde debilitada.

Respeita dona Sarah, mortifica-se com suas críticas, queixas e desabafos. Sabe que é reação normal. Sempre a tratou com especial delicadeza. Sempre reconheceu o seu valor. [...] estão casados há 46 anos, juntos nos bons e maus momentos. Ativamente política, mulher de grande fibra, ela participou de todas as campanhas eleitorais dele, inclusive comícios. (COUTO, 2006, p. 315)

Decidido a ceder às pressões de Sarah, que ameaçava com o divórcio, Juscelino decidira conversar com Maria Lúcia, “por formação, religião, tradição, aparência, imagem, repercussões familiares e sociais. E também, claro, por seu estado de saúde” (COUTO, 2006, p. 316). JK liga combinando o encontro no Rio de Janeiro. Contudo, na Via Dutra, o carro onde o ex-presidente encontrava-se, junto de seu fiel motorista, sofre um acidente. Ao ser atingido na traseira por um ônibus, o carro perde o controle, invade a pista contrária, uma carreta carregada com 30 toneladas de gesso o atinge e, assim, o “Brasil perde dois filhos e consagra um mito” (COUTO, 2006, p. 320).

5 Considerações finais

Pode-se verificar que a minissérie *JK* não construiu o mito, mas legitimou uma construção midiática que se dá desde o mandato presidencial em 1956. A minissérie seleciona JK como tema em 2006, ano do cinquentenário de seu mandato e também de eleições presidenciais, atribuindo-lhe um poder de mito na sociedade. Em um ano marcado por escândalos e denúncias sobre o Mensalão, a minissérie poderia adotar a opção de desconstruir o mito JK referindo-se ao governo de Kubitschek como corrupto, devido a supostos desvios de dinheiro com a construção de Brasília, mas a imagem de Juscelino não é denegrida.

As sete figuras de expressão do mito de Barthes – **Vacina, Omissão da História, Tautologia, Ninismo, Constatação, Quantificação da Qualidade e Identificação** – foram capazes de comprovar que o homem Juscelino é legitimado como mito, idolatrado e humanizado. Tenta-se, e com sucesso, ao longo da minissérie, fazer com que seja natural, algo que é cultural, construído pela mídia e pela sociedade. No mito, um signo – completo em termos de expressão e significado – se transforma em plano de expressão – significante – de outro sistema semiótico, o que é comprovado em *JK*. Busca-se, através das figuras do mito, transformar o político Juscelino Kubitschek – signo completo – em uma expressão de outro signo, com outro significado, como “criador”, como “pai de Brasília”.

Juscelino Kubitschek: the myth in the miniseries *JK*

ABSTRACT

The proposal of this research is study how the mediatic image of Juscelino Kubitschek, ex-brasilian president, was developed. The initial hypothesis work with the perspective that JK was shaped as a myth during the miniseries. The analysis is conducted by the ideas of Roland Barthes and his figures of myth. Also studied biographies and magazines by the time that Juscelino was a President, in 60's, to improve the knowledge about the historic facts in the JK's years and compare with the mediatic version. The results show that miniseries legitimate the myth that have been developed through the media since the presidencial election.

KEYWORDS: Juscelino Kubitschek. Mediatic image. Television. Miniseries.

Juscelino Kubitschek: el mito en la miniserie *JK*

RESUMEN

La propuesta de esta investigación es estudiar cómo la imagen mediática de Juscelino Kubitschek, ex-presidente brasileño, se ha desarrollado. La hipótesis inicial de trabajo es la perspectiva de que JK se formó como un mito en la miniserie. El análisis se lleva a cabo por las ideas de Roland Barthes y sus figuras de la mitología. También se estudió las biografías y las revistas de la época en que Juscelino era presidente, en los años 60, para mejorar el conocimiento de los hechos históricos en los años JK y compararlo con la versión mediática. Los resultados muestran que la miniserie legitima el mito de que se han desarrollado a través de los medios de comunicación desde la elección presidencial.

PALABRAS CLAVE: Juscelino Kubitschek. Imagen mediática. Televisión. Miniserie.

Referências

AMARAL, Maria Adelaide. Entrevista. **Época**, São Paulo, n. 387, 17 out. 2005.

ARAGÃO, G.P.V. **Meios de comunicação como construtores de uma imagem pública: Juscelino Kubitschek através das revistas Manchete e O Cruzeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Rio de Janeiro, agosto 2006.

BALOGH, A. M. **Conjunções – disjunções – transmutações: da literatura ao cinema e à TV**. 2 ed. rev. e ampliada. São Paulo: Annablume, 2005.

BARTHES, R. **Mitologias**. 3 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

BOJUNGA, C. **JK o artista do impossível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

COHEN, M. **Juscelino Kubitschek: o presidente bossa-nova**. São Paulo: Globo, 2005.

COUTO, R. C. **Brasília Kubitschek de Oliveira**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

CRESQUI, C. Procedimentos narrativos de minisséries televisivas na transposição de fatos da História – Os

casos de Anos Rebeldes, Agosto e JK. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IIIImostra/ComunicacaoSocial/61963%20%20CANDICE%20CRESQUI.pdf>>. Acesso em: maio 2009.

DUARTE, E. B. **Televisão**: ensaios metodológicos. Porto Alegre: Sulina, 2004.

FEITOSA, S. Minissérie de reconstituição histórica e discurso memorial hegemônico na construção da memória social da nação. **ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.75-86, jan./jun. 2009.

MANCHETE, Rio de Janeiro, n. 148, 19 fev. 1955.

_____, Rio de Janeiro, n. 1793, 30 ago. 1986.

O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, n.16, 4 fev. 1956.

_____, Rio de Janeiro, n.30, 7 maio 1960.

OLIVEIRA, L. A Construção de Brasília. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Brasilia/Construcao>> Acesso em: jun. 2010.

RONDINI, L. C. As Minisséries da Globo e a grade de programação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30.,2007, Santos. **Anais eletrônicos do XXX INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos, 2007. Disponível em: <<http://www.adtevento.com.br/2007>>. Acesso em: nov. 2009.

Camilla Rodrigues Milder

*Bacharel em Comunicação Social Habilitação
Jornalismo pela Universidade Federal de Santa
Maria, Campus de Frederico Westphalen (UFSM).
E-mail: cmilder@yahoo.com.br*

Caroline Casali

*Mestre em Ciências da Comunicação pela
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
(UNISINOS). Professora Assistente do
Departamento de Comunicação da Universidade
Federal de Santa Maria, Campus de Frederico
Westphalen (UFSM).
E-mail: carolcasali@yahoo.com.br*